REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

INTRODUÇÃO À SUBJETIVIDADE: A ARTE DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E A PERSPECTIVA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

INTRODUCTION TO SUBJECTIVITY: THE ART OF CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE AND THE PERSPECTIVE OF CONTEXTUALIZATION

INTRODUCCIÓN A LA SUBJETIVIDAD: EL ARTE DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE Y LA PERSPECTIVA DE LA CONTEXTUALIZACIÓN

Roberto Remígio Florêncio
Doutor em Educação, IF Sertão Pernambucano, Petrolina-PE, Brasil
roberto.remigio@ifsertao-pe.edu.br

Renata Xavier Monteiro
Mestranda em Educação, Professora Sobradinho-BA, Brasil
renata.xavier@gmail.com

Adriana Soely André de Souza Melo
Doutora em Ecologia Humana – UNEB, FACESP Petrolina-PE, Brasil
adriana.soely@yahoo.com.br

Rosilene Almeida da Silva Araújo
Doutoranda em Ecologia Humana – UNEB, Secretaria de Educação de Curaçá-BA, Brasil
rosebela.araujo@gmail.com

Marcleide Sá Miranda Oliveira
Mestra em Avaliação da Educação Pública - UFJF, Secretaria de Educação de Petrolina-PE, Brasil
marcleidesa.miranda@yahoo.com.br

Vlader Nobre Leite
Doutorando em Letras, Universidade de Pernambucano-UPE, Brasil
vlader.nobre@hotmail.com

Gabrielle Fernandes da Silva Gnoatto
Mestranda em Educação Inclusiva, Secretaria de Educação de Gravataí – RS, Brasil
gabrielle.fsgnoatto@gmail.com

Leonardo Diego Lins
Doutor em Educação e Contemporaneidade - UNEB, Professor da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Brasil
leonardo.lins@uneb.edu.br

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

Resumo
Este artigo analisa a construção da subjetividade na literatura brasileira a partir da obra de Carlos Drummond de Andrade, relacionando-a ao contexto histórico, social e cultural em que foi produzida. Fundamentado em autores como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho, Massaud Moisés e Platão & Fiorin, o estudo parte do pressuposto de que a literatura constitui importante expressão da experiência humana e de seu tempo, ultrapassando a dimensão estética para revelar aspectos da realidade social e da condição existencial. Inicialmente, discute-se o legado do Modernismo brasileiro e a consolidação de seus princípios na poesia drummondiana, destacando o autor como herdeiro da Semana de Arte Moderna de 1922. Em seguida, realiza-se a análise dos poemas *Procura da Poesia*, *No Meio do Caminho*, *Poema de Sete Faces* e *Quadrilha*, evidenciando como a subjetividade, a metalinguagem, a memória, a crítica social e a reflexão sobre o fazer poético constituem elementos centrais de sua produção. Conclui-se que a poesia de Drummond articula experiência individual e realidade coletiva, transformando acontecimentos históricos e existenciais em linguagem artística de alcance universal. Dessa forma, a contextualização da obra literária revela-se indispensável para a compreensão da subjetividade e do papel da literatura na formação da consciência crítica e da cultura brasileira.

Palavras-chave: Modernismo; Literatura Brasileira; Interpretação de Textos.

Abstract
This article analyzes the construction of subjectivity in Brazilian literature through the work of Carlos Drummond de Andrade, relating it to the historical, social, and cultural context in which it was produced. Drawing on scholars such as Antonio Candido, Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho, Massaud Moisés, and Platão & Fiorin, the study is grounded in the premise that literature constitutes a significant expression of human experience and its era, transcending the aesthetic dimension to reveal aspects of social reality and the existential condition. It begins by discussing the legacy of Brazilian Modernism and the consolidation of its principles in Drummond's poetry, highlighting the author as an heir to the 1922 Week of Modern Art. Subsequently, an analysis of the poems "Procura da Poesia," "No Meio do Caminho," "Poema de Sete Faces," and "Quadrilha" is conducted, highlighting how subjectivity, metalanguage, memory, social criticism, and reflection on the poetic craft constitute central elements of his body of work. The conclusion is that Drummond's poetry articulates individual experience and collective reality, transforming historical and existential events into artistic language of universal reach. Thus, contextualizing the literary work proves indispensable for understanding subjectivity and the role of literature in shaping critical consciousness and Brazilian culture.

Keywords: Modernism; Brazilian literature; Textual interpretation.

Resumen
Este artículo analiza la construcción de la subjetividad en la literatura brasileña a partir de la obra de Carlos Drummond de Andrade, relacionándola con el contexto histórico, social y cultural en el que se produjo. Fundamentado en autores como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho, Massaud Moisés y Platão & Fiorin, el estudio parte de la premisa de que la literatura constituye una importante expresión de la experiencia humana y su tiempo, trascendiendo la dimensión estética para revelar aspectos de la realidad social y la condición existencial. Inicialmente, se aborda el legado del modernismo brasileño y la consolidación de sus principios en la poesía de Drummond, destacando al autor como heredero de la Semana del Arte Moderno de 1922. Posteriormente, se realiza un análisis de los poemas "Procura da Poesia", "No Meio do Caminho", "Poema de Sete Faces" y "Quadrilha", demostrando cómo la subjetividad, el metalenguaje, la memoria, la crítica social y la reflexión sobre el proceso poético constituyen elementos centrales de su obra. Se puede concluir que la poesía de Drummond articula la experiencia individual y la realidad colectiva, transformando acontecimientos históricos y existenciales en un lenguaje artístico de alcance universal. Por lo tanto, contextualizar la obra literaria resulta indispensable para comprender la subjetividad y el papel de la literatura en la formación de la conciencia crítica y la cultura brasileña.

Palabras clave: Modernismo; Literatura brasileña; Interpretación de textos.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

1 Introdução

A arte literária, juntamente com a música e a pintura, produzida e consumida no Brasil do final do século XX será analisada neste ensaio como esteio de informação das situações socioculturais e político-históricas da sociedade brasileira, do seu povo e de seu contexto, em temáticas que perpassam a metafísica do pensamento humano, individualista e egocêntrico, assim como as relações sociais, os mecanismos de regionalização e/ou mundialização e os avanços tecnológicos, em uma contextualização global.

Essa produção artística não é elaborada por acaso: ela resulta de um Brasil que, no decorrer do século XX, passou pelas transformações radicais, advindas de ditaduras políticas, urbanização acelerada, migrações internas, industrialização tardia e, finalmente, uma redemocratização inconclusa. Compreender a subjetividade presente nesses textos exige, portanto, situá-los em seu tempo histórico, pois, como pontua Antonio Candido (2006), a literatura é o sonho acordado das civilizações e, ao mesmo tempo, um sistema que se constitui historicamente, pois não há texto literário fora do tempo, mesmo quando ele parece fechado sobre si mesmo.

São inúmeros os exemplos de textos e suas respectivas interpretações citados em livros didáticos, presentes em avaliações externas, vestibulares e concursos públicos que discorrem sobre a sociedade brasileira e o contexto mundial. São diversos gêneros textuais, que vão desde letras de música, como *Faroeste Caboclo*, de Renato Russo; *Comida*, do grupo Titãs; e *Parabolicamará*, de Gilberto Gil, a poemas mais ou menos engajados politicamente, de autores como Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles ou Patativa do Assaré. É difícil pensar em alguma música, poema ou conto da literatura contemporânea brasileira que não deixe, pelo menos de maneira implícita, alguma reflexão sobre o contexto social pelo qual estamos passando na contemporaneidade ou em um passado próximo, como em *Negrinha*, de Monteiro Lobato, ou em *Passeio Noturno*, de Rubem Fonseca.

Alguns temas tornam-se recorrentes: diferenças sociais, acontecimentos notórios ou inusitados, corrupção, violência, preconceito. Nas obras mais líricas e intimistas, também se veem nuances de assuntos mais intimistas ou filosóficos, como medo, solidão, angústia ou revolta, não deixando de fazer parte de um consciente coletivo que vai tecendo

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

a teia que pode ser definida como cultura. No nosso caso, especificaremos aqui a cultura popular brasileira da atualidade.

A maior parte dos autores e obras citadas acima pertence ao Modernismo Brasileiro ou dialoga diretamente com ele. O Modernismo, oficialmente inaugurado com a Semana de Arte Moderna de 1922, foi o movimento que, pela primeira vez, assumiu o Brasil em toda a sua complexidade: popular, miscigenado, contraditório, regional e universal ao mesmo tempo. Foi também o movimento que tornou a subjetividade do sujeito moderno, com sua angústia, sua solidão e sua inadaptação, matéria legítima de poesia. Nesse sentido, analisar a subjetividade nos textos literários brasileiros é, em grande medida, analisar o Modernismo e seu legado para a construções não de uma identidade, mas de identidades nacionais, muitas vezes regionalizadas pelo preconceito, e, por isso, marginalizadas.

2 Revisão da Literatura: iniciação à interpretação

A escolha de analisar a obra de Carlos Drummond de Andrade justifica-se pela relevância de sua produção literária para a compreensão da subjetividade humana e das transformações sociais, culturais e históricas que marcaram o século XX. Sua poesia revela um olhar sensível sobre os conflitos existenciais, a identidade, a solidão, a memória e as relações entre o indivíduo e a sociedade, constituindo-se em um importante objeto de estudo para reflexões que articulam Literatura e Psicologia. Embora não tenha participado diretamente da Semana de Arte Moderna de 1922, Drummond é reconhecido como um dos principais representantes da segunda geração do Modernismo brasileiro, sendo frequentemente considerado um herdeiro ou filho literário da Semana de 22, por desenvolver e consolidar os ideais modernistas inaugurados por esse movimento. Sua obra incorpora características como a valorização da linguagem cotidiana, o nacionalismo crítico, a liberdade formal e a investigação da condição humana, ampliando e aprofundando as propostas estéticas e ideológicas lançadas pelos pioneiros do Modernismo. Dessa forma, a análise de sua produção poética permite compreender como o legado da Semana de Arte Moderna foi ressignificado e consolidado na literatura brasileira, ao mesmo tempo em que oferece um rico campo de investigação acerca da construção da subjetividade em diferentes contextos históricos e culturais.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

Em seu poema "Procura da Poesia", do livro A Rosa do Povo (1945), Carlos Drummond de Andrade inicia uma lista de "mandamentos" para a construção de um poema, com o que muitos entendem como crítica àqueles que utilizam fatos do cotidiano para fazer literatura:

> *Não faças versos sobre acontecimentos.*
> *Nem me reveles teus sentimentos*
> *Não cantes tua cidade...*

No entanto, pela vida e obra do poeta mineiro (Itabira, 1902; Rio de Janeiro, 1987), é possível certificar-se de que ele não foi um poeta-escritor omisso aos acontecimentos sociopolíticos do país. Pelo contrário, sempre questionou tanto os desmandos do poder quanto a capacidade literária de sua própria poesia diante das adversidades sofrida pelo seu povo.

A contextualização do livro em que esse poema se insere é de fundamental importância: *A Rosa do Povo* (1945) foi escrito no contexto do fim da Segunda Guerra Mundial e do fim do Estado Novo, período ditatorial da chamada Era Vargas, regime que havia censurado a imprensa e perseguido opositores por oito anos. Escrever sobre o silêncio da palavra poética nesse contexto não era fugir da realidade, mas outra forma de resistir a ela. O paradoxo do poema, que usa o modo injuntivo negativo ("não faças", "não cantes") para fazer exatamente o que proíbe, é, portanto, também um gesto político. Como observa Alfredo Bosi (2000), a poesia modernista brasileira desenvolveu uma linguagem de resistência que opera tanto no plano estético quanto no plano histórico.

Impossível não reafirmar a premissa de Florêncio (2022), que a literatura sempre esteve ligada à vida do homem, até por uma relação inerente deste com a arte. O homem se diferencia dos outros animais pelo poder de criar cultura. Já nasce com a herança do saber acumulado de seus antecessores e da vida. Então, modifica, amplia e deixa como legado esse conhecimento. Por menor que possa parecer, o contexto do saber ou o saber contextual é indispensável, porque o simples aprendizado não justifica a complexidade da inteligência inata dos seres humanos da contemporaneidade.

Os medos, as alegrias, as esperanças, os costumes sempre estiveram presentes na literatura mundial. Os textos, descritivos ou narrativos, desde os deixados por nossos ancestrais nas cavernas, são os melhores exemplos de que o homem não vive sem essa

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

que é hoje a condição principal de sua existência: a criação. Segundo Afrânio Coutinho (1986), a arte é a transposição de um mundo irreal para a realidade; não cabe em medidas e análises técnicas, extrapola limites, é atemporal e imensurável. Ainda mais, ela não se isola do homem e de seu contexto histórico, por mais que se tente, como nos movimentos de vanguarda, no cubismo ou no dadaísmo. A arte encontra-se vinculada ao jeito de ser do ser humano, de encarar o mundo que o cerca e de contemplar ambientes físicos, psíquicos ou emocionais, em realidades naturais ou sobrenaturais. O território em que o ser humano vive é mais que um espaço geográfico: é um elemento imaterial de sua existência.

Essa dimensão imaterial da existência é justamente o que a literatura nomeia quando outras linguagens falham. A subjetividade é percebida aqui como o elemento que expressa a experiência interior do sujeito, com suas contradições, seus medos e seus desejos, sendo o território por excelência da arte literária. Não se trata de mero intimismo: a subjetividade literária é sempre atravessada pelo coletivo, pelo histórico, pelo social, como afirmam Florêncio (2022) e Bosi (2000). O poema não é um documento, mas é impossível lê-lo sem levar em conta o tempo que o gerou (Bosi, 2000, p. 13). É dessa tensão entre o singular e o coletivo, entre o íntimo e o histórico, que nasce a força dos textos analisados neste artigo.

A literatura, enquanto arte da palavra, acompanha o homem tanto em suas mais importantes e fantásticas criações quanto na banalidade do seu dia a dia, recheado de repetições e tédios, como em "Eta vida besta, meu Deus", de *Cidadezinha Qualquer*, da obra *Alguma Poesia* (Andrade, 1930). E, desses cenários tão contrários, complexos ou simples, retira matéria-prima para sua mimese.

O conceito de mimese, aqui evocado, remonta à *Poética* de Aristóteles, isto é, a ideia de que a arte é imitação da realidade. Todavia, a crítica literária modernista trouxe complexidade a essa noção: a literatura não apenas imita o real, ela o interpreta, o desloca e, muitas vezes, o antecipa. No caso da poesia modernista brasileira, essa mimese opera em dois níveis simultâneos: o da experiência subjetiva do poeta, com seus medos, suas dúvidas e sua inadaptação ao mundo, e o da experiência coletiva da sociedade em transformação. Drummond, ao retratar a banalidade de uma "cidadezinha qualquer", não está apenas descrevendo um lugar: está nomeando uma experiência existencial compartilhada por milhares de brasileiros que viviam o êxodo rural e a promessa cruel da modernidade. Ele mesmo um exilado: na adolescência, ao se dirigir do interior (Itabira)

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

para a capital (Belo Horizonte) e, posteriormente, para a Capital Federal (Rio de Janeiro) (Nicola, 1999).

Exemplos disso são os próprios poemas produzidos nessas vanguardas citadas. A maioria dos temas destaca uma mudança, ou pelo menos uma tentativa de mudar os conceitos da vida e, consequentemente, da arte literária. Mas isso também seria uma epifania, a corporização daquilo que se quer dizer, em uma situação metalinguística. Observando a Segunda Guerra Mundial como grande marco na história da humanidade do século XX, é impossível não lembrar inúmeras obras de arte produzidas a partir desse tema: filmes como *Dr. Jivago* ou *A Lista de Schindler*, baseados em livros. Mas foi o poema *A Rosa de Hiroshima*, de Vinícius de Moraes, com toda sua subjetividade, que melhor "desenhou" a "rosa radioativa, estúpida e inválida" poeticamente.

O conceito de epifania literária, ou seja, a iluminação súbita que revela o sentido do ordinário, foi desenvolvido pelo escritor irlandês James Joyce e influenciou profundamente a literatura modernista do século XX, inclusive a brasileira. No contexto da poesia de Vinícius de Moraes, a epifania opera pela imagem paradoxal: a rosa, símbolo universal de beleza e amor, torna-se "radioativa, estúpida e inválida", subversão que só a linguagem poética consegue realizar com essa precisão emocional. A subjetividade do poema não diminui sua potência histórica: pelo contrário, é exatamente por falar ao indivíduo que "A Rosa de Hiroshima" fala à humanidade.

Só que a arte tem seus melindres, suas astúcias e seus mistérios. Muitas vezes, não expõe sua ideia central à primeira leitura. Os estudos de análise desenvolvidos por Platão e Fiorin (2001) a partir de diversos textos, inclusive sobre *Quadrilha*, de Drummond, apontam um bom exemplo de como "esconder" a ideia central de uma obra de arte, como muito bem fez Leonardo da Vinci com a sua enigmática Monalisa. No poema de Drummond, segundo Platão e Fiorin (2001, p. 342), Lili, a personagem "diferente" dos demais participantes da "quadrilha" (João, Teresa, Joaquim, Maria e Raimundo), aparece como elemento problematizador da teia narrativa, em que o tema, mesmo parecendo claro (as desilusões do amor), aborda os interesses econômicos que a personagem tem ao casar-se, sem amar ninguém, com J. Pinto Fernandes, que era seguramente de outro nível social. As pistas eram claras: Lili não amava, J. Pinto Fernandes não tinha nome, apenas sobrenome e, por fim, ele não havia entrado na história, ou seja, na quadrilha, uma dança popular, praticada pela parcela da população da qual ele não fazia parte.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

Essa camada oculta do texto, o sentido revelado apenas ao leitor mais atento, é uma das marcas da subjetividade modernista: ela não entrega sua mensagem de forma explícita, exige do leitor uma postura ativa de construção de sentido. Candido (1985, p. 38). denomina esse processo de "apreensão estética": o leitor precisa mobilizar sua própria experiência subjetiva para completar o sentido do texto. Em "*Quadrilha*", a crítica social, ou seja, a vitória do dinheiro sobre o amor, representada por J. Pinto Fernandes, só se revela quando o leitor percebe que a quadrilha é uma dança além de popular, coletiva. Não há vencedores, mas cooperação, comunidade, comunhão.

Debaixo dos Caracóis dos Seus Cabelos (do álbum Roberto Carlos, 1971), canção da dupla Roberto e Erasmo Carlos, teve sua mensagem finalmente descortinada ao ser reapresentada ao público, de maneira mais aprofundada, pelo próprio compositor Roberto Carlos, no início do século XXI, trinta anos após a canção ter feito sucesso entre casais apaixonados. Tratava-se, desde sempre, de uma crítica ao governo ditatorial brasileiro, ao aludir à volta de Caetano Veloso, exilado em Londres entre 1970 e 1972, por meio da anistia. A canção ganhou, então, o status de hino de boas-vindas aos exilados na década de 1970 e perdeu seu antigo status de canção de amor, como era antes percebida (Florêncio, 2022).

Esse é um exemplo particularmente revelador por demonstrar como a subjetividade pode ser, concomitantemente, escudo e arma: durante a Ditadura Militar (1964-1985), a linguagem cifrada, que aparentava ser apenas amorosa e intimista, era a única forma segura de dizer o que a censura proibia. Os artistas desenvolveram, por necessidade histórica, uma estética da alusão, em que o sentido verdadeiro se escondia sob imagens aparentemente inofensivas. Esse fenômeno não foi exclusivo da música popular: a poesia, o teatro e a prosa brasileira do período partilharam da mesma estratégia. A subjetividade, nesses casos, não era fuga do real, mas o único caminho possível para dizê-lo.

A literatura brasileira, e não só a música popular, participou ativamente do processo de redemocratização do país e da luta contra a censura. Era comum ver nos palanques das "Diretas Já!" personalidades da cultura nacional, da música e da literatura, como Fafá de Belém, Chico Buarque, Milton Nascimento, Fernando Sabino e Millôr Fernandes. *José*, de Carlos Drummond de Andrade; *Vou-me Embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira; e *O Operário em Construção*, de Vinícius de Moraes, são exemplos de poemas e autores engajados nessa luta social que fecundou a Nova República e deu início à atual fase da história política brasileira.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

Esses poemas mobilizavam leitores porque operavam exatamente nessa fronteira entre o subjetivo e o coletivo: falavam de um "eu", como o José sem saída, o exilado que quer voltar para Pasárgada, o operário que descobre o valor do seu trabalho, mas esse "eu" era reconhecido por milhares como expressão de uma experiência comum. É isso que a crítica literária chama de universalidade: não a ausência de particularidade, mas a particularidade tão bem expressa que se torna espelho de todos.

Mesmo quando a literatura se volta para si mesma ou para o ser humano enquanto indivíduo, consegue trazer excelentes reflexões para o pensamento humano. Em *Traduzir-se*, Ferreira Gullar expõe sua preocupação com a criação poética ao tempo em que tenta autoconhecer-se como poeta e cidadão. Mas poucos fizeram um trabalho de análise pessoal tão filosófico e, ao mesmo tempo, tão psicológico quanto Clarice Lispector e, no século XIX, Machado de Assis. Também assim, esses autores, em seus respectivos contextos históricos, retratavam o pensamento da sociedade. Aluísio Azevedo (1857-1913), contemporâneo de Machado, o fez em seus principais romances: *Casa de Pensão* (1884) e *O Cortiço* (1890). Posteriormente, Lima Barreto (1881-1922) também descreveu bem a sociedade de sua época e a criticou ferozmente, de forma mais unilateral, onde "o homem é o lobo do homem", talvez por ter sido tão excluído e marginalizado por ela. Por ser negro e de origem humilde no Rio de Janeiro, o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) morreu pobre, alcoólatra e internado em clínicas psiquiátricas. Sua obra foi "resgatada" apenas quarenta anos após a sua morte (Florêncio; Santos, 2020).

O caso de Lima Barreto é emblemático para a discussão sobre subjetividade e contextualização. Sua obra é profundamente subjetiva, marcada pela experiência da exclusão racial e social que ele mesmo viveu, sendo, ao mesmo tempo, um dos documentos literários mais precisos da Primeira República brasileira. Mais de um século após sua morte, Lima Barreto foi revalorizado, especialmente a partir dos anos 2000, como voz precursora de uma literatura negra e periférica que hoje tem em autoras como Conceição Evaristo alguns de seus representantes mais potentes. A subjetividade marginalizada que Lima Barreto expressou em ficção encontra, no presente, herdeiros que escrevem a partir das mesmas margens, o que demonstra que a contextualização de um texto literário não termina no momento de sua produção, pois continua a cada nova leitura que o tempo permite.

O Brasil já estava em pleno Modernismo, e essa foi a escola literária mais engajada com as problemáticas sociais, fazendo com que a literatura navegasse confortavelmente

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

pelos campos da cultura popular, da formação do povo brasileiro, da economia (nacional e internacional), da política e de outros assuntos anteriormente impensáveis para dar vazão à verve criativa dos poetas e escritores brasileiros, assunto suficiente para uma análise exclusivamente com textos do período modernista.

Enfim, a relação entre homem/sociedade e a arte/literatura é de tal importância para o desenvolvimento da humanidade que não se percebe o homem no contexto histórico sem a sua literatura. Segundo Massaud Moisés (1988), a desvinculação entre um e outro (homem e literatura) torna incompleta a compreensão de um dos elementos e, muitas vezes, equivocada. Situar a literatura em um determinado contexto é conhecer o homem naquele período histórico, e vice-versa.

3. Confrontando o olhar artístico e a crítica social

Carlos Drummond de Andrade é um daqueles raros casos nas artes em que crítica e público encontram um consenso relativamente satisfatório. Muitos críticos literários o consideram o mais importante poeta brasileiro de todos os tempos, e é também um dos mais citados entre os apreciadores de poesia, principalmente nas redes sociais. É possível que a grande maioria dos estudantes do ensino médio não conheça sua obra poética com profundidade, torça o nariz para poemas como *No Meio do Caminho* e até não compreenda textos como *Poema de Sete Faces* ou *Quadrilha*, mas, de uma forma ou de outra, os brasileiros em geral identificam a "sua lavra de ouro" como a de nenhum outro poeta nacional.

Esse paradoxo, amplamente reconhecido, mas pouco profundamente lido, é, em si, uma questão relevante para o ensino de literatura. A poesia de Drummond circula hoje nas redes sociais em fragmentos descontextualizados, transformada em aforismo motivacional ou legenda de imagem. Esse fenômeno contemporâneo revela tanto a força de sua linguagem, capaz de sobreviver ao recorte, quanto o risco de sua banalização, quando o fragmento perde o poema e o poema perde seu contexto. Compreender Drummond com profundidade exige justamente o caminho inverso: restituir ao fragmento o texto, e ao texto o seu tempo.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

Do ponto de vista da crítica literária, a centralidade de Drummond na poesia brasileira está assentada em bases sólidas. Para José Guilherme Merquior (1975), Drummond é o poeta do conflito permanente entre o eu e o mundo, entre a linguagem e o silêncio, entre a denúncia e a contemplação. Para Affonso Romano de Sant'Anna (1972), é o poeta do gauche: aquele que, por estar sempre ligeiramente fora do lugar, vê o que os outros não enxergam. Essas duas perspectivas críticas se complementam e ajudam a organizar a leitura dos poemas que se seguem.

Entretanto, compreender a poesia de Carlos Drummond de Andrade está longe de ser uma tarefa simples. Sua obra caracteriza-se pela complexidade estética, pela densidade filosófica e pela constante reflexão acerca da linguagem poética e da condição humana. Em "Procura da Poesia", poema que integra a obra *A Rosa do Povo* (1945), Drummond apresenta uma série de recomendações formuladas em tom imperativo sobre aquilo que, aparentemente, não deveria constituir matéria da poesia. Em um primeiro momento, esses versos podem ser interpretados como uma crítica à poesia excessivamente confessional ou à simples transposição dos acontecimentos cotidianos para o texto literário. Contudo, uma leitura mais aprofundada revela que o poeta não rejeita a realidade nem a experiência humana; ao contrário, propõe que elas sejam transformadas pela elaboração estética, afastando-se do imediatismo e do sentimentalismo (Florêncio, 2022).

Essa aparente contradição constitui uma das marcas da poética drummondiana. Embora afirme: *"Não faças versos sobre acontecimentos"* ou *"O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia"*, sua própria produção literária dialoga intensamente com o contexto histórico, político e social de seu tempo. Escrita durante os anos da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, *A Rosa do Povo* evidencia um poeta profundamente comprometido com as inquietações de sua época, sem renunciar à sofisticação artística. Em Drummond, a realidade não é reproduzida de forma direta; ela é reelaborada pela linguagem poética, transformando a experiência individual em reflexão universal sobre a existência, a memória, a solidão, a injustiça social e a própria subjetividade.

Desse modo, "Procura da Poesia" não deve ser compreendido como um manifesto contra a experiência cotidiana, mas como uma reflexão metapoética sobre o próprio fazer literário. O poema evidencia que a poesia nasce da recriação da realidade por meio da linguagem, exigindo do poeta sensibilidade, elaboração estética e profundidade reflexiva. Essa perspectiva reforça a importância da obra de Carlos Drummond de Andrade para os

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

estudos da subjetividade, uma vez que sua poesia ultrapassa o relato de experiências pessoais para alcançar dimensões universais da condição humana.

Nos versos seguintes, Drummond explicita o que, de fato, deseja neste poema: refestelar-se no fazer poético, embriagar-se da alma poética que ronda a sua aura. Por isso, defende a palavra como instrumento primordial para essa imersão poética a que se propõe. Então, sugere:

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Drummond encerra o teor injuntivo do seu poema com a palavra "chave" e a interrogação da dúvida que ele agora divide com seus colegas. Somos poetas? A metalinguagem aqui não é um recurso ornamental: ela é o próprio tema. O poema pergunta sobre o poema, a linguagem interroga a linguagem. Isso é uma marca central da poesia modernista, denominada por Sant'Anna (1972) como "poética da autoconsciência":

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

o poeta que se observa fazendo o poema e transforma essa observação em matéria poética. A "chave" que fecha o poema é, ao mesmo tempo, abertura: quem a possui não é o poeta sozinho, mas o leitor que aceita a cumplicidade do texto.

Drummond dedicou extensa parte de sua composição à dúvida do fazer poético. Essa dualidade, ser ou não ser poesia, ou a própria procura da poesia, está presente em quase todos os seus textos, desde a indignação irrequieta de *No Meio do Caminho*. Por que ficar com a dúvida apenas para si? Alguém trouxe a chave? E encerra o poema de maneira inicialmente delicada e poética, para estremar sua concepção e condição humana, dura, ainda que lírica:

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiam na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

Nesse instrumento de metalinguagem, Drummond demonstra a sua capacidade lírica. A seguir, veremos mais do mesmo tema, em um dos poemas mais polêmicos do poeta mineiro: *No Meio do Caminho*.

NO MEIO DO CAMINHO (Alguma Poesia, 1930)

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

O que dizer de poema tão curto, hermeticamente simplório e de versos tão repetitivos? Drummond não ignorou as críticas e, em 1967, publicou *Uma Pedra no Meio do Caminho: Biografia de um Poema*, na qual reuniu tudo o que havia sido publicado acerca dos versos de *No Meio do Caminho* e a sua necessária repetição, ainda incompreendida. Mas, se esta for a chave?

Quando publicado pela primeira vez, em 1928, o poema provocou reações de escândalo; críticos acusaram Drummond de estar zombando da literatura; muitos não entenderam/ não entendem. O debate foi tão intenso e duradouro que o próprio ato de reunir as críticas foi, em si, um gesto metalinguístico: o poema gerou um livro sobre o poema, e esse livro provou que a pedra, de fato, não saíra do lugar, ainda está lá, no meio do caminho.

A sensibilidade do autor está justamente em não conseguir transpor a pedra que, segundo Rita de Cássia Barbosa, na antologia *Literatura Comentada: Carlos Drummond de Andrade* (1988), ainda está no meio do caminho. A pedra continua no meio do caminho; o fazer poético esbarra no obstáculo; o sentimento do mundo é interrompido; a travessia do ser humano tem o seu caminho bloqueado. O que a repetição realiza formalmente é precisamente o que o poema diz tematicamente: a pedra não se move, o poema não avança, o obstáculo permanece. Forma e conteúdo são a mesma coisa, e é nisso que reside a subjetividade radical desse texto.

Em um dos seus poemas mais subjetivos e introspectivos, faz-se aqui um destaque para a pessoalidade materializada de *Confidências do Itabirano*: "Alguns anos vivi em Itabira. Principalmente nasci em Itabira. Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro." A poesia de Drummond perpassa elementos metafísicos, emotivos e memoriais, posicionando-se acima e adentro de elementos culturais, sociais e históricos, com uma carga de subjetividade que beira a autobiografia: ele é único, não um número do êxodo rural, somos únicos. Assim, Drummond se afasta da retórica morosa, como ele mesmo diz, do "funcionalismo público", o poema é sentido e sentimento, o *sentimento do mundo*.

POEMA DE SETE FACES (Alguma Poesia, 1930)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.
As casas espiam os homens

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.
O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos não perguntam nada.
O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.
Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.
Eu não devia te dizer
mas essa lua mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

O poeta aborda sete temas em sete pequenas estrofes: abre analogias religiosas, aborda a infância e o desejo, questiona sobre seu próprio eu, delimita o fazer poético, coloca-se como humano, ou abaixo disso enquanto gauche, e encerra com o veio do poema-piada que lhe é particular. A palavra francesa *gauche*, que significa esquerdo, mas também desajeitado ou fora do lugar, não é apenas uma caracterização pessoal: é uma postura filosófica e poética deliberada. Estar gauche é recusar o conforto da visão dominante, é observar o mundo de um ângulo que os outros não ocupam. Como aponta ainda Sant'Anna (1972), o sujeito lírico gauche é, ao mesmo tempo, fraco e forte, tímido e

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

observador, irônico e solidário, contraditório como qualquer ser humano que se recusa à simplificação.

O tom do poema é o do observador, e sua poética nos é apresentada inicialmente como a do incomunicável, impenetrável (Florêncio; Santos, 2019); no entanto, o indivisível indivíduo se multiplica: "fraco e forte, tímido e voyeur, irônico e solidário, confidente e mineiramente arredio" (Barbosa, 1988), enfim, humano como qualquer outro. O poeta gauche é um contemplador orgulhoso que se considera maior que o mundo no mesmo momento em que se vê quebrantado pela realidade, pelo dualismo do eu menor que o mundo, sentindo-se fraco e sem vacilar em apelar: "Meu Deus, por que me abandonaste?" (Barbosa, 1988).

QUADRILHA (Alguma Poesia, 1930)

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim
que amava Lili, que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

De forma mais didática e apresentando elementos comprobatórios das três "pistas" deixadas por Drummond para elucidação desse poema-enigma, Platão e Fiorin (2001) conseguem desvincular o possível sentimento negativo de Drummond acerca do amor. A "Quadrilha" é o cenário para o círculo amoroso que se inicia e é apresentado na primeira estrofe, bela e rítmica, enquanto as desilusões amorosas e os finais trágicos aparecem na segunda estrofe, sem beleza e sem ritmo. A forma do poema é inseparável do seu sentido: a primeira estrofe tem ritmo, musicalidade, encadeamento, como uma dança. A segunda perde tudo isso, tornando-se uma lista seca de destinos trágicos. Essa ruptura formal é a própria crítica social de Drummond: quando o dinheiro entra em cena, representado por J. Pinto Fernandes, que não tinha entrado na história, a dança acaba. A quadrilha, dança popular, coletiva e democrática, é interrompida por quem nunca precisou dançar.

Pinto Fernandes não é personagem da trama, mas um importante elemento de construção do entendimento, pois representa a elite à qual Lili almejava e que não dança

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

quadrilha. Os outros personagens se conformam diante de um opositor imbatível (dinheiro, poder e status, personificados pelo sobrenome) e apresentam finais, quando não trágicos, pelo menos sem a presença do amor ou da realização do querer. Mas tudo está bastante entrelaçado à primeira pista de Drummond: "Lili não amava ninguém."

A análise de "Quadrilha" exemplifica com precisão o argumento central deste artigo: a subjetividade nos textos literários modernistas não é ornamento nem evasão, mas o método pelo qual a literatura acessa verdades que o discurso direto não consegue nomear. O amor que não se realiza, a dança que se interrompe, a elite que não entra na história, mas a decide: tudo isso está no poema de forma cifrada, esperando o leitor que traga a chave.

3 Considerações Finais

Enfim, a relação entre homem/sociedade e a arte/literatura é de tal importância para o desenvolvimento da humanidade que não se percebe o homem no contexto histórico sem a sua literatura. Segundo Massaud Moisés (1988), a desvinculação entre um e outro torna incompleta a compreensão de um dos elementos e, muitas vezes, equivocada. Situar a literatura em um determinado contexto é conhecer o homem naquele período histórico, e vice-versa.

Os textos analisados neste artigo demonstram que a subjetividade literária não se opõe à realidade histórica: ela é um de seus registros mais precisos. A experiência interior do sujeito, expressa em linguagem poética, carrega as marcas do tempo em que foi produzida e continua a produzir sentido em tempos diferentes, porque toca o que há de permanente na condição humana: o medo, a dúvida, a indignação, o desejo de beleza e de justiça.

Contextualizar esses textos, portanto, não é reduzi-los ao seu momento histórico, mas devolvê-los à plenitude do seu sentido. E é isso que a leitura literária, quando feita com atenção e rigor, permite: ver no particular o universal, no subjetivo o coletivo, no passado o presente.

Referências

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

ANDRADE, Carlos Drummond. *Alguma Poesia.* Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.

ANDRADE, Carlos Drummond. *A Rosa do Povo.* Rio de Janeiro: Record, 1945.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Uma Pedra no Meio do Caminho: Biografia de um Poema.* Rio de Janeiro: Edições do Autor, 1967.

BARBOSA, Rita de Cássia. *Literatura Comentada: Carlos Drummond de Andrade.* São Paulo: Abril Educação, 1988.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1970.

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Na Sala de Aula: caderno de análise literária.* São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. *O Estudo Analítico do Poema.* São Paulo: Humanitas, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade.* São Paulo: Ouro sobre Azul, 2006.

COUTINHO, Afrânio (org.). *A Literatura no Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio/UFF, 1986.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio. Interpretação de Textos Literários a partir de Análises Isoladas. *Revista Ícone* – UEG ISSN 1982-7717. Vol. 22, número 1, junho de 2022.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista. A Crítica Social em Lima Barreto e a Modernidade Líquida: Um Lapso de 100 Anos. Revista Intersaberes – UNINTER. ISSN 1809-7286. Vol. 15, número 35, 2020.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista. E Agora, José? Tinha uma pedra no meio da quadrilha: pequenas notas sobre 3 poemas referenciais de Drummond. *Revista Intertexto* – UFTM. ISSN 1981-0601. Vol. 12– nº 2, jul/dez – 2019

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso Universo em Drummond.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MOISÉS, Massaud. *Literatura: mundo e forma.* São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

NICOLA, José. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias.* São Paulo: Scipione, 1998.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/06/2026 - **Accepted:** 13/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/m66xv516
Pages: 1-19

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Para Entender o Texto: leitura e redação.* São Paulo: Ática, 2001.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o Gauche no Tempo.* Rio de Janeiro: Record, 1972.